

Interstício

Considera-se o metal (fio de ferro, de cobre ou de lata, pregos, palha de ferro) retido entre duas superfícies de papel de seda ou depositada em bolsos de tecido. P conjunto é embebido em água mais ou menos acidificada acelerando a oxidação do metal e, por consequência, o aparecimento da ferrugem que colore o papel.

Tal é, em substância, o procedimento utilizado por Elida Tessler em seus trabalhos realizados desde 1990.

Ela escolheu, então, apresentar três tipos de materiais: o mineral (o ferro, o cobre), o vegetal (o papel) e o líquido (a água) e lhes deixar reagir entre eles. A formação da ferrugem que se segue provoca reações em cadeia: o ferro transformando-se em marrom avermelhado e o cobre em verde, fixando sua impressão colorida sobre o papel enquanto que a ferrugem continua lentamente a lhes corroer até lhes reduzir a pó.

O procedimento revelador da cor não deixa de lembrar o da fotografia (aliás realizada por Elida), a ferrugem atuando no papel da luz que fixa a imagem, aqui marca colorida do metal. Mas enquanto que a foto e a representação de um acontecimento ou de um instante determinado, é também exposta, neste caso, como o rastro de um processo de decomposição invisível.

Estes trabalhos que se encadeiam em mais de quatro anos coincidem com a estadia de Elida na França. Tendo provisoriamente abandonado sua atividade artística em Porto Alegre para propor-se a realizar uma tese sobre Hélio Oiticica, ela reformula, em contato com uma realidade outra, suas questões sobre sua própria "démarche". É em um atelier improvisado no apartamento onde ela vive que ela decide de se recolocar ao trabalho. Aos instrumentos "tradicionais" do pintor (como dezoito bocais repletos de cores em pigmento nunca abertos) ela preferirá os materiais do cotidiano (fio de cobre, pregos, papel, palha de ferro, tiras de gaze, filtros ...), ao alcance das mãos e próximo do "bricolage", da cozinha.

A partir de variações no emprego destes elementos pode-se esvelar uma autonomia progressiva da cor em relação ao desenho.

O fio metálico, de início aprisionado em um formato retangular, desenha uma rede retilínea que e "calcada" em cor sobre o papel ("Resistencia", "E eu vi esmaecer-se o cobre, tom sobre tom, até descolorir-se sobre as montanhas" ou "E você recua também em sua vida, lentamente".).

Em seguida, a palha de ferro tomando o lugar de fio, o desenho se torna mais complexo e se fragmenta. E, enquanto que o ferro corrói em arabescos, o suporte abandona a forma retangular pela oval ("Encurralada entre duas páginas, confinada entre teu seno e o meu").

Diga-se a propósito que estas duas formas-tipo são elas mesmas a marca dos suportes sobre os quais elas foram confeccionadas: a prancha de trabalho ou a mesa redonda.

Ao contato com a superfície redonda, a cor se libera mais à vontade do modelo desenhado pelo ferro ou pelo cobre (que se enosa) e se aventura no acaso das fibras do papel ("Deixaria ver os brancos entre os pedaços").

Na medida em que o material ferro se dilui e se indiferencia, o papel da água (o diluente incolor) cresce de importância, visto que ao seu encontro o ferro, reduzido a pó marrom avermelhado que, tornado líquido, se espalha e tinge a superfície do papel/tecido (Outubro").

Nestes últimos trabalhos a relação ferro/água/tecido é invertida.

Em "Minha sombra errática cavalga a sombra dos telhados e desliza ao longo das goteiras" o ferro enferrujado e escondido só deixa ver sua mancha colorida através da luva "moletanada" enquanto que a tigela colocada sob o funil recolhe a mistura de pó marrom avermelhado e a água (pela primeira vez visível).

Com "Hélice" a separação dos elementos, coincidindo com rastros mais evidentes de sua mistura, se prossegue. O ferro, aprisionado em um bolso de gaze a parte. A água derramada sobre este filtro imprimiu formas coloridas aleatórias sobre um papel branco estendido atrás. Ressente-se, diante desta peça, uma impressão de urgência quase dramática, o uso da gaze e de escorrimentos avermelhados evocando as marcas de uma ferida aberta...

Os trabalhos de Elida Tessler são, a sua maneira, uma ressonância da

obra de Hélio Oiticica, principalmente no "embaralhamento" voluntário

das categorias, para ampliar-lhes. Como a cor que se libera do desenho e da superfície plana para invadir o espaço ambiente ou os suportes que se diversificam. E mais geralmente, o atelier, que é também local de vida, a arte que se confunde ao cotidiano.

Pois o que esta em jogo aqui é precisamente esta passagem sutil de um

estado a outro, do visual ao narrativo, o sólido se pulverizando, o líquido se fixando e o invisível aparecendo sob efeito catalisador das marcas do tempo e da miscigenação de gêneros.